

NOVAS TENDÊNCIAS NA EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS NA ZONA DE FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA

Éric Borges de Carvalho Nogueira - Universidade Federal do Rio de Janeiro
ericdecarvalho@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a analisar como a dinâmica do mercado de trabalho influencia a orientação e a intensidade dos deslocamentos populacionais em função das demandas diferenciais de emprego em períodos distintos nos diversos segmentos da zona de fronteira Brasil-Bolívia. Pretende-se fazer uma contribuição para o aprofundamento dos estudos acerca das zonas de fronteira sul-americanas, destacando as regiões para a compreensão dos conflitos e transformações decorrentes das iniciativas de integração em escala continental.

Parte-se da premissa de que o trabalho é um dos mais importantes fatores a orientar as interações espaciais em zona de fronteira (House, 1980; Steiman, 2002). As oportunidades que oferece um Estado mais desenvolvido, sobretudo para a realização de tarefas pesadas descartadas pelos profissionais qualificados desse mesmo Estado, acarretam ao longo do tempo fluxo de trabalhadores do lado mais pobre para o lado mais rico do limite internacional. Esse fluxo pode ser constituído por trabalhadores diaristas ou sazonais, sem qualificação ou semi-qualificados, formais ou informais, atraídos pelas oportunidades de trabalho e, principalmente, pelos possíveis pagamentos de assistência social no outro lado. Pelos mesmos motivos também ocorre saída de trabalhadores qualificados e profissionais do Estado menos desenvolvido para o mais desenvolvido. Se esse afluxo de trabalhadores reduz as pressões demográficas e o desemprego no Estado menos desenvolvido, pode também se converter em potencial para grave exploração de trabalhadores ilegais na região de fronteira do mais desenvolvido (Steiman, 2002; Brasil, 2005).

A metodologia do trabalho consiste na utilização de mapas para analisar a mobilidade da população e a circulação e características dos trabalhadores nesta porção da zona de fronteira. Dados secundários foram levantados nos institutos

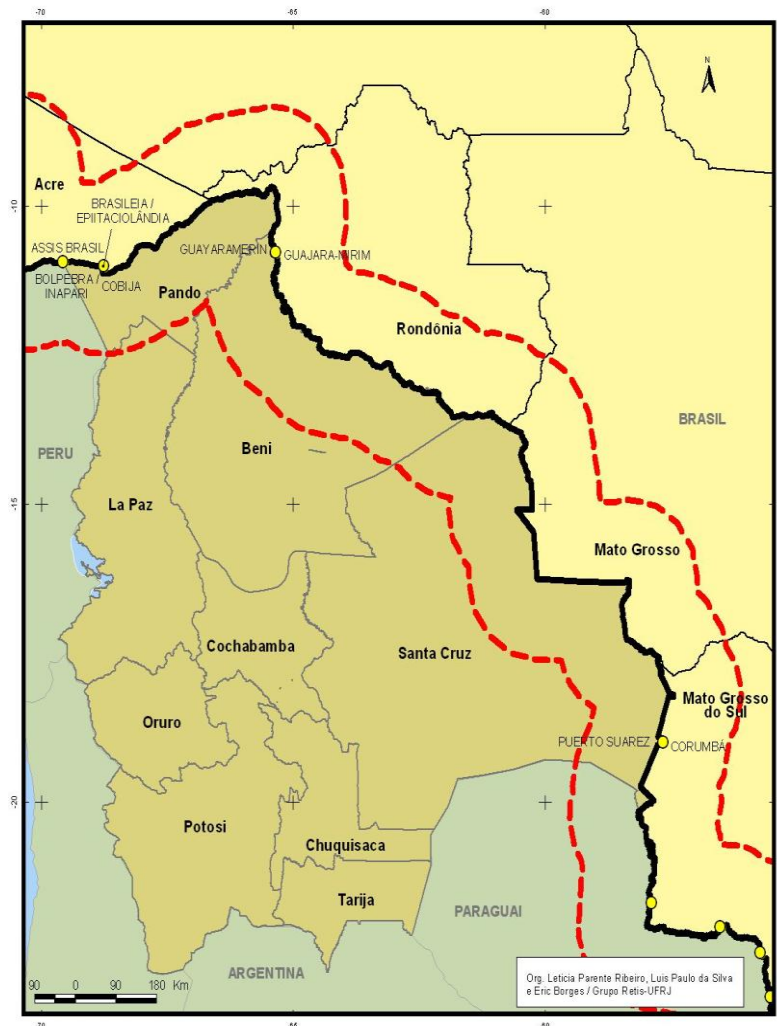
estatísticos dos dois países: no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) e Estatística e o Ministério do Trabalho e Emprego; na Bolívia, o Instituto nacional de Estadística (INE). Para o mercado de trabalho foram utilizadas a condição de ocupação (conta própria, trabalho familiar, entre outros) e a atividade econômica por setores. As migrações foram também analisadas segundo a origem intra ou extra regional e internacional. O estudo não contempla apenas a região de fronteira, mas os outros departamentos bolivianos, do Altiplano ao Chaco, uma vez que estes revelam importantes características sociais bolivianas responsáveis pela dinâmica migratória da população.

Interações Transfronteiriças na Zona de fronteira Brasil-Bolívia

O Brasil compartilha com a Bolívia uma linha divisória de 3.423 Km, correspondente a quatro estados brasileiros (Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e três departamentos bolivianos da região conhecida como meia-lua (Pando, Beni e Santa Cruz de la Sierra). É, portanto, a porção mais extensa da fronteira continental do Brasil com os países vizinhos (cerca de 13,5%), em sua maior parte constituída por rios.

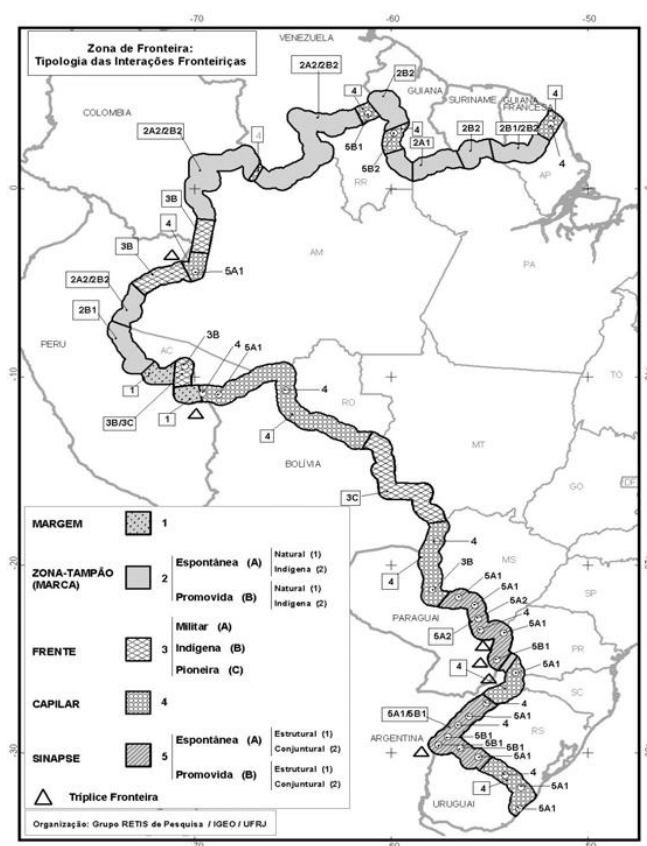
Essa zona de fronteira apresenta grande diversidade de características geográficas, assim como um rico histórico de interações e conflitos territoriais entre os dois países.

Mapa 1 - Zona de fronteira Brasil-Bolívia



Fonte: IBGE.

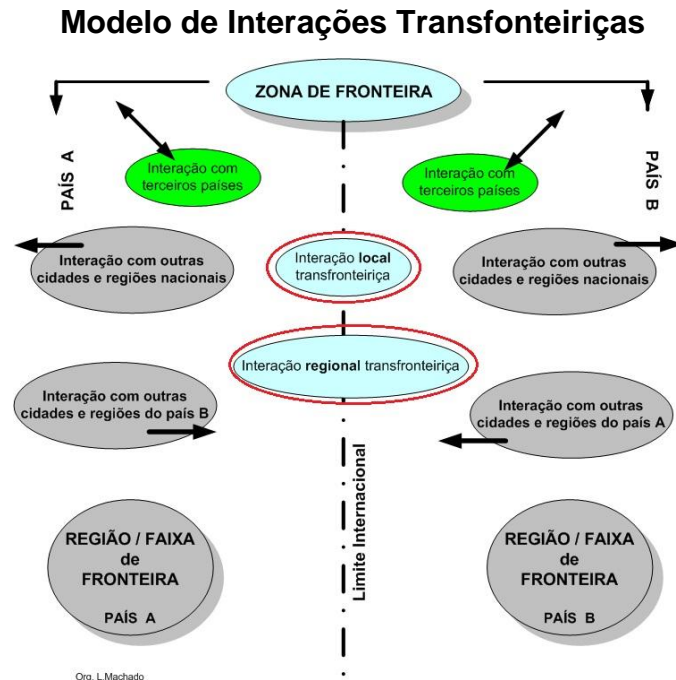
Segundo a tipologia de interações fronteiriças do Grupo Retis (Brasil, 2005), na zona de fronteira Brasil-Bolívia incidem dois tipos predominantes de interação, que grosso modo dividem a zona de fronteira em dois grandes segmentos: os tipos 'frente' e 'capilar', conforme é possível observar no mapa 2. No tipo capilar, que geralmente se relaciona a processos espontâneos de interações transfronteiriças, ocorrem limitadas redes de comunicação e pequena interferência do Estado. Já no tipo 'frente', designam-se outros tipos de dinâmicas espaciais, como a frente *cultural* (afinidades seletivas), *frente indígena* ou *frente militar*.



Mapa 2 - Faixa de fronteira: tipologia das interações transfronteiriças. (Ministério da Integração / Grupo Retis, 2005: 148)

Neste modelo, não há obrigatoriedade de coincidência entre os tipos dos segmentos da zona de fronteira e os pares de cidades-gêmeas ali situadas, que também foram classificadas segundo os tipos de interações fronteiriças que estabelecem entre si. Nesta zona de fronteira, há os pares de cidades gêmeas Guarajá Mirim-Guayarámerin e Corumbá-Puerto Suarez, que se enquadram na tipologia capilar.

Entretanto, é possível ainda discernir as interações fronteiriças em diferentes escalas geográficas tal como ilustra o modelo a seguir. Segundo tal modelo, na zona de fronteira ocorrem interações em várias escalas, não apenas interações locais e regionais, mas aberto a interações com o ambiente externo, sendo então um 'sistema aberto', mutável e adaptável (MACHADO *et all* 2006). No presente estudo, foram priorizadas as interações transfronteiriças que ocorrem nas escalas regionais e locais.



Mercado de trabalho e migrações

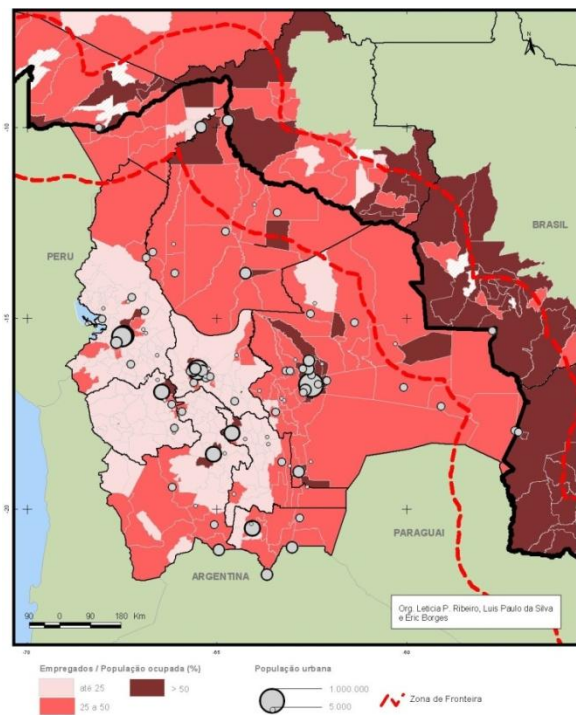
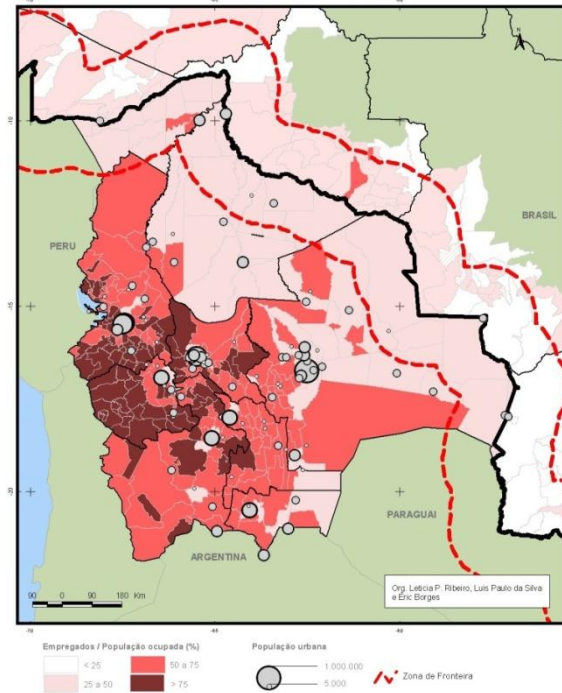
Quando analisamos os dados relativos ao mercado de trabalho, é possível observar a diferença existente entre a região de fronteira e o restante do país, sobretudo na porção boliviana. Os mapas 3 e 4 ilustram a diferença entre a dinâmica no altiplano boliviano em contraste com a dos departamentos da “meia-lua”. Historicamente essas regiões bolivianas foram colonizadas em períodos distintos e de formas diferentes e apresentam contingentes populacionais também diferenciados. Enquanto o Altiplano concentra uma população majoritariamente descendente de sociedades indígenas, os departamentos da Meia-lua apresentam uma população de ascendência européia mais destacada. Tal região é ainda marcada por conflitos de interesses no país, inclusive separatistas.

Nas *secciones*¹ ao redor de La Paz os trabalhadores autônomos são a maioria, ultrapassando os 50% do total, enquanto que na faixa de fronteira só encontramos essa proporção relativa em uma *sección* no departamento de Pando. A diferença nos padrões de condição de ocupação é um dos fatores principais para a

¹ Cada província na Bolívia é dividida em “secciones” (a menor unidade administrativa)

dinâmica das migrações para os países vizinhos, principalmente Argentina e Brasil, em busca de uma melhor oportunidade de emprego e qualidade de vida.

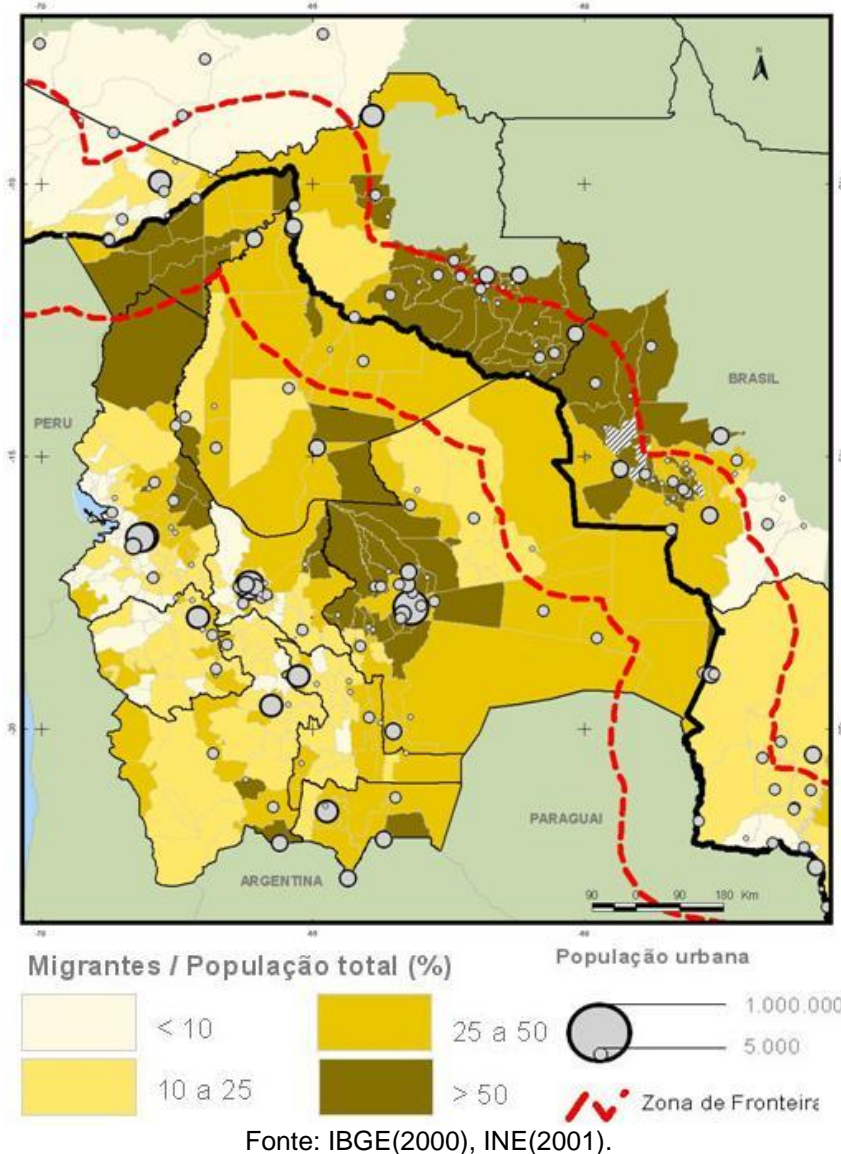
Mapas 3 e 4 - Condição de Ocupação. Trabalhadores por Conta Própria e Trabalhadores Empregados.



Fontes: IBGE(2000), INE(2001)

A migração boliviana no Brasil revela um tipo de espacialização. No Mapa 5 a presença dos migrantes nas áreas de fronteiras, tanto no Mato Grosso do Sul quanto no Mato Grosso, em Rondônia e no Acre é fortemente evidenciada, mas não apresenta as mesmas características presentes nas cidades gêmeas.

Mapa 5: Imigrantes/População Total 2000/2001.



A mão-de-obra aqui é integrada principalmente ao setor terciário, sobretudo em comércio e serviços. Além da dimensão nitidamente fronteiriça da migração, observa-se na Tabela 1 que a concentração na região metropolitana de São Paulo (microrregiões de São Paulo, 39,3%; Guarulhos, 1,9%; Osasco, 1,4%), não possui comparação com qualquer outra microrregião do país.

**Tabela 1 - Bolivianos com residência no Brasil por microrregião, em 2000
(efetivos superiores a 200)**

Microrregião	N	%
São Paulo	8004	39,9
Guarajá Mirim	1436	7,0
Rio de Janeiro	1219	6,0
Baixo Pantanal	1179	5,8
Rio Branco	699	3,4
Porto Velho	642	3,1
Campo Grande	288	1,9
Guarulhos	385	1,9
Osasco	290	1,4
Brasília	279	1,3
Belo Horizonte	266	1,2
Alto Pantanal	245	1,0
Total Parcial	15406	76,0
Total Brasil	20288	100,0

Fonte: IBGE – Censo 2000.

São claros os contrastes entre os dados oficiais brasileiros e os dados disponibilizados por entidades que estudam a situação do trabalhador, como a Pastoral da Terra. Por se tratar de trabalhadores que entram de forma ilegal no país, essa contabilidade é difícil de ser realizada pelo temor dos bolivianos de serem extraditados ou até mesmo presos. Dados da Pastoral da Terra dão conta de que haja aproximadamente 200.000 trabalhadores bolivianos ilegais em São Paulo. Estima-se que esses números sejam ainda maiores uma vez que é usual que migrantes de longa distância tragam seus familiares depois de estabelecidos. Infere-se que estes estejam também sendo absorvidos nas tecelagens paulistanas (Silva,2006).

Até chegarem a seu destino, São Paulo, os migrantes bolivianos se utilizam de quatro principais entradas no Brasil. Duas delas são a partir das cidades-gêmeas de Guarajá Mirim - Guayaramerin e Corumbá-Puerto Suárez, que apresentam um tipo de interação mais favorável para essa entrada, já que seus limites são mais fluidos. As cidades de fronteira, principalmente as cidades-gêmeas, são importantes pontos de passagem dos migrantes, onde estão estruturadas redes sociais e

serviços necessários para o prosseguimento da viagem com destino às metrópoles. As outras duas entradas são por Cáceres (MT) e pela fronteira com o Paraguai, a partir de Ciudad del Este.

Em sua grande maioria os bolivianos são cooptados por outros bolivianos com a promessa de uma vida melhor e oportunidade de emprego, principalmente, nas tecelagens paulistas. Lá eles se concentram, organizam sua rede de contatos e partem para seus destinos finais, principalmente São Paulo.

Mapa 6: Rota e pontos de entrada dos bolivianos no Brasil

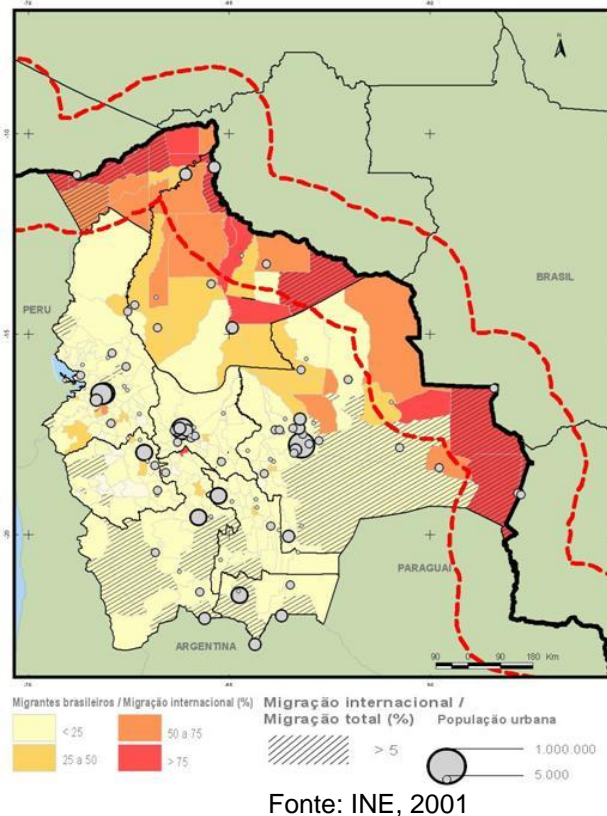


Rota e pontos de entrada de bolivianos no Brasil.

Fonte: Silva, 2006.

A presença de migrantes brasileiros em território boliviano se caracteriza por uma interação tipicamente regional. 75% dos nascidos no Brasil, registrados no último censo, residiam nos departamentos de Pando, Beni e Santa Cruz. Essa presença se interioriza no entorno da cidade de Santa Cruz de la Sierra, muito ligada à industrialização e à expansão da sojicultura nessa região e também no centro-oeste do departamento de Beni, área de expansão da frente madeireira a partir do estado de Rondônia.

Mapa 7: Imigrantes formais Brasileiros – 2001.



Ao mesmo tempo em que as migrações são um indicativo da maior interação entre os dois países e de uma integração regional relacionada às complementaridades existentes na zona de fronteira, elas também podem ser um catalisador para futuros conflitos entre os dois países, tanto na escala local como nacional. Exemplos dessa condição ambígua das migrações são os debates e disputas pela legalização dos migrantes bolivianos residentes em São Paulo e as políticas do governo de Evo Morales em relação à propriedade de brasileiros localizada na área de segurança fronteiriça, demonstrando o avanço brasileiro em terras bolivianas. (Silva, 2008)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Departamentos da Zona de Fronteira Boliviana apresentam características de mercado de trabalho e imigrações diferentes do restante da

Bolívia. As atividades econômicas, as categorias ocupacionais e o padrão imigratório são mais diversificados na fronteira do que na região Andina.

Os fluxos imigratórios entre o Brasil e a Bolívia se diferenciam segundo as principais atividades econômicas das 'secciones' dos departamentos fronteiriços (Bolívia) e dos municípios dos estados fronteiriços (Brasil). É maior o fluxo de brasileiros para zona de fronteira de Santa Cruz (soja e pecuária); para Pando e Beni a imigração de brasileiros está relacionada à indústria extrativa (madeira e castanha).

A influência brasileira em termos de atividades econômicas e imigração provocou efeitos políticos atualmente evidentes no apoio diferenciado ao programa de Evo Morales. Os departamentos de Santa Cruz, Pando e Beni não apóiam muitas das ações do governo, ao contrario da região Andina, onde Morales domina. O Departamento de Santa Cruz, o mais dinâmico do país, está brigando por maior autonomia em lugar do modelo centralizado de governo defendido por Morales e seu partido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, Lia O. Urbanização e mercado de trabalho na Amazônia brasileira. *Cadernos IPPUR*, 13(1): 109-138, 1999.

_____. Limites e fronteiras, da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. *Revista Território*, 8: 9-29, 2000.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Proposta de reestruturação do programa de desenvolvimento da faixa de fronteira: bases de uma política integrada de desenvolvimento regional*. Brasília: IICA/Ministério da Integração Nacional, 2005.

HOUSE, J.W. The frontier zone: A conceptual problem for policy makers. *International Political Science Review*, 1: 456-477, 1980.

RIBEIRO, Leticia P. *Interações espaciais na Fronteira Brasil-Paraguai: as cidades gêmeas de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SILVA, Luis P.B., *Caracterização geográfica e interações transfronteiriças na zona de fronteira Brasil-Bolívia*. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Luis P.B., *Elementos para a caracterização e interações transfronteiriças no segmento de fronteira Brasil-Bolívia*. - Anais do XV Encontro nacional da AGB. São Paulo: AGB,2008

SILVA, Sidney. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados.*, vol.20, no.57:157-170, 2006.

SOUCHAUD, Sylvain; CARMO, R.L.; Mobilidade populacional e migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com a Bolívia e Paraguai. *Teoria & Pesquisa*, 16(1): 39-60, 2007.

STEIMAN, Rebeca. Brasil e América do Sul: questões institucionais de fronteira. Em: *Terra Limitanea. Atlas da Fronteira Continental do Brasil*. Rio de Janeiro: Retis, 2002. Disponível em: www.igeo.ufri.br/fronteiras. Acesso em: 18 de Maio de 2008.